

## LAZER E IDENTIDADES: RETRATOS ETNOGRÁFICOS NUM CIRCUITO DE FUTEBOL

Mauro Myskiw<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil

Marco Paulo Stigger<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

**RESUMO:** Este trabalho trata do lazer como lugar de constituição de identidades. Está baseado num estudo realizado entre 2009 e 2011 num grande circuito de futebol da cidade de Porto Alegre, principalmente das experiências e práticas etnográficas desenvolvidas em relação aos 'campos das vilas'. A partir do entendimento de que esses campos não eram apenas espaços esportivos e de que configuravam um circuito de práticas de lazer, apresentamos 04 'retratos etnográficos' de pessoas que permaneciam e circulavam nos/pelos lugares do futebol. A descrição e a interpretação desses retratos nos possibilitaram compreender que as práticas de lazer marcam as identidades. No caso do circuito de futebol isso se dá num universo simbólico liminar, que pode ser descrito como intermediário (à vida privada e pública), mas que também deve ser tomado como um espaço de intermediação, pois frequentemente desfaz fronteiras e faz conviver questões antagônicas, não sem tensões e disputas, aspectos esses que ressoam sobre as identidades.

**Palavras-chave:** Lazer. Identidade. Circuito. Futebol.

### LEISURE AND IDENTITIES: ETHNOGRAPHIC PORTRAYALS IN A FOOTBALL CIRCUIT

**ABSTRACT:** This paper deals with leisure as a place to construct identities. It is based on a research carried out between 2009 and 2011 in a large football circuit in the city of Porto Alegre, Brazil, principally on experiences and ethnographic practices developed in relation to the 'fields of the slums'. With the understanding that these fields were not only sports spaces and that they made up a leisure area, we present 4 'ethnographic portrayals' of people who stayed and circulated in and through football fields. The description and interpretation of these portrayals allowed us to understand that the practices of leisure mark the identities. In the case of the football circuit, this happens in a symbolic preliminary universe that can be described as intermediate (to private and public life) but that also must be taken as an intermediary space as it

---

<sup>1</sup> Colegiado do Curso de Bacharelado em Educação Física. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras (CCHL). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil.

<sup>2</sup> Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

frequently breaks down boundaries and allows antagonistic issues to be together, not without tension and disputes, the aspects which resonate on identities.

**Keywords:** Leisure. Identity. Circuit. Football.

## OCIO E IDENTIDADES: RETRATOS ETNOGRÁFICOS EN UN CIRCUITO DE FÚTBOL

**RESUMEN:** Este trabajo trata del ocio como lugar de constitución de identidades. Está basado en un estudio realizado entre 2009 y 2011 en un gran circuito de fútbol de la ciudad de Porto Alegre, principalmente de las experiencias y prácticas etnográficas desarrolladas en relación a los 'campos de las villas'. Entendiendo que esos campos no eran apenas espacios deportivos y que configuraban un circuito de prácticas de ocio, presentamos 04 'retratos etnográficos' de personas que permanecían y circulaban en y por los lugares del fútbol. La descripción y la interpretación de esos retratos nos posibilitaron comprender que las prácticas de ocio marcan las identidades. En el caso del circuito de futbol eso se da en un universo simbólico liminar, que puede ser descrito como intermediario (a la vida privada y pública), pero que también debe ser tomado como un espacio de intermediación, pues frecuentemente deshace fronteras y hace convivir cuestiones antagónicas, no sin tensiones y disputas, aspectos que resuenan en las identidades.

**Palabras-clave:** Ocio. Identidad. Circuito. Fútbol.

### Introdução

Neste trabalho apresentamos algumas análises que são produto de um estudo etnográfico realizado entre 2009 e 2011, num grande circuito de futebol da cidade de Porto Alegre: o 'Municipal da Várzea'<sup>3</sup>. Em linhas gerais, este circuito compreendia o desenvolvimento de uma série de competições de futebol orientadas por um regulamento geral e realizadas, em grande parte, nos campos da Prefeitura Municipal. No primeiro semestre do ano, numa primeira fase, as competições eram organizadas regionalmente por Ligas de Futebol da cidade, que arrematavam os times e organizavam os campeonatos em diferentes categorias, até conhecerem aqueles que seriam classificados para a segunda fase. No segundo semestre, a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) de Porto Alegre é quem se responsabilizava pela organização de campeonatos, envolvendo os times classificados nas Ligas regionais. Em cada um dos anos da investigação, o número de Ligas regionais envolvidas não foi menor do que 20 e o número de times foi sempre superior a 250, o que denotava a relevância desse circuito no cenário urbano.

Essas competições de futebol movimentavam muitas pessoas e grupos pela cidade de Porto Alegre e também pela região metropolitana, cujas práticas eram

<sup>3</sup> Dessa pesquisa resultou o trabalho de tese de doutorado intitulada "Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre", defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (MYSKIW, 2012). A investigação contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

constantemente descritas pelos interlocutores do estudo como parte importante do 'lazer dos trabalhadores'. A respeito desse lazer nos interessa, neste texto, destacar o seu caráter de constituição de identidades observado especialmente naqueles espaços futebolísticos denominados de 'campos de vilas', que guardavam diferenças em relação aos 'das praças', 'dos parques' e 'dos times'.

Para tanto, trataremos aqui das observações participantes desenvolvidas em 36 rodadas de campeonatos, ocorridas em 09 campos de uma grande região da cidade de Porto Alegre e que podiam ser mencionados, sem problemas, como 'campo da vila', no sentido de que não se tratavam de espaços simbólicos externos a esse tipo de organização urbana, alheios aos dramas e às tramas de acontecimentos cotidianos. O entendimento foi o de que para compreender o circuito de lazer como universo que confere identidade era necessário conhecer, de perto, as pessoas, os grupos, permanecer com eles e, fundamentalmente, circular com eles pela cidade, nos campos, nas vilas, acompanhando as suas trajetórias em face das rodadas de futebol e de outras situações (reuniões, festas, trabalho). Isso ocorreu, com maior ênfase, nos últimos 22 meses da investigação, pela possibilidade de observação de pessoas e grupos vinculados a 5 times mencionados como 'de vilas', em relação aos quais foram observadas 97 partidas (amistosos, campeonatos, torneios e excursões).

Ao longo da investigação da constituição do circuito de lazer futebolístico envolvendo 'campos de vilas', a conotação desses territórios como 'pontos de encontros das comunidades' foi se intensificando e se sobrepondo à noção de que eram apenas 'universos esportivos'. No lazer, os campos eram ocupados, simultaneamente, pelas questões 'do futebol' e 'das comunidades'. As pessoas que entravam nestes espaços e que circulavam por eles em face das tabelas de jogos não eram sujeitos anônimos e os encontros não se esgotavam na presença das pessoas em face das práticas do futebol. Obviamente que esses territórios, como parte de um circuito de futebol, eram dotados de valores, regras e lógicas do esporte, não sendo possível deixar de lado o fato de que o domínio da bola, dos espaços do campo, do corpo, dos gestos, das maneiras de se comunicar, próprios do futebol, ofertavam contornos à identidade dos que estavam presentes. Porém, tão importante quanto isso, era o fato de que aqueles que estavam dentro ou no entorno do campo, nos bancos na frente da 'copa', eram amigos, vizinhos, parentes, trabalhadores, colegas de trabalho, membros desta ou daquela família, rivais no controle do tráfico, etc.

Nosso propósito aqui é exatamente tratar desses espaços que não eram apenas esportivos e, principalmente, da circulação neles e entre eles. Apresentaremos uma análise sobre 04 interlocutores (O Sarrafo da vila Ibema, o Pocotó e a Sílvia da vila Paraná e uma mulher 'do time da vila Andirá'<sup>4</sup>) que permaneciam e circulavam nos/pelos campos e ao fazê-lo produziam seus universos de lazer assim como constituíam suas

---

<sup>4</sup> Mais adiante trataremos pontualmente de cada um desses interlocutores. Por ora, nos cabe ressaltar que estes nomes/apelidos são fictícios, assim como as denominações das vilas e dos times.

identidades. O modo de investigação e de produção do conhecimento foi a etnografia (materializada na forma de participações, observações, produção de diários de campo, realização de entrevistas e levantamento de documentos), compreendida como um processo liminar que implica mutualidade, no qual o pesquisador, ao constituir um trabalho interacional - não contemplativo -, afeta e é afetado (SILVA, 2009). O texto etnográfico (interpretativo e performático) retrata esse processo, na expectativa de apresentar um entendimento não previsto anteriormente no debate acadêmico. No caso deste texto, depois de uma seção dedicada a apontamentos conceituais, traremos uma síntese capaz de tornar inteligível tal processo, privilegiando as descrições em torno do circuito de lazer como um espaço que confere identidades.

### Circuito de lazer: um 'lugar antropológico'

A noção de circuito de lazer, no contexto brasileiro, tem sido trazida e debatida por José Guilherme Magnani e seus colaboradores (MAGNANI, 1999; MAGNANI; SOUZA, 2007; MAGNANI; TORRES, 2008), dentro da tradição da antropologia urbana, como uma 'categoria nativa'. Um dos enfoques importantes desses pesquisadores recai sobre os circuitos de lazer dos jovens na cidade de São Paulo, etnografando a circulação deles, privilegiando a inserção na paisagem urbana, entendendo que a cidade não é um mero cenário, mas, ela mesma, um equipamento de lazer. A propósito dessa categoria, Magnani (2005, p. 178-179) apresenta a seguinte síntese/definição:

[...] trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; **ele é reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais.** [...] também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos - possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos - porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade [...] (grifo nosso)

Essa categoria interpretativa nos serviu de referência na investigação sobre 'o Municipal da Várzea', na medida em que também observávamos que a oferta de competições de futebol pelas Ligas e pela SME designava formas particulares de usos de equipamentos urbanos, colocando em circulação, pela cidade, um grande número de pessoas e grupos na expectativa de constituírem seus momentos de lazer. Esses grupos eram reconhecidos, entre eles e também por 'outros', como o 'pessoal da várzea'. Nessa lógica, o circuito de lazer 'varzeano' foi tomado como um 'lugar antropológico', no sentido apresentado por Augé (1994, p. 51), isto é, uma

[...] construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida real, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. [...] o lugar antropológico, é simultaneamente **princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípios de inteligibilidade para quem o observa**. (grifo nosso)

Tal movimento interpretativo foi importante quando procurávamos entender o que os interlocutores do estudo diziam quando se referiam que ‘aqui é a várzea’, ‘isso é a várzea’, ‘jogo na várzea’, ‘apito na várzea’, e a ‘organização da várzea’. O circuito ‘da várzea’ tomado como um lugar antropológico foi compreendido como uma configuração particular, que incidia sobre os modos de jogar, de se comportar dentro e fora dos campos e que imputava critérios de inclusão e exclusão. Uma das dimensões que, segundo Augé (1994), caracteriza o lugar antropológico é exatamente a sua capacidade de constituir identidades<sup>5</sup>, muitas vezes emprestando algumas das especificidades ‘próprias’ à identificação daquele que experimenta e convive nos lugares. Não por acaso, aqueles que árbitros que ‘apitam na várzea’ eram facilmente destacados dos outros que ‘apitavam’ no circuito de futebol profissional. E é justamente esse destaque que estranhamos e que nos motivou a aprofundar o debate em torno do circuito de lazer.

Longe de ser um ‘lazer asséptico’, paradoxalmente, ‘a várzea’ podia ser descrita como um espaço de intermediação, fazendo conviver, simultaneamente questões que, noutros lugares estariam separadas, tais como ludicidade-seriedade, disciplina-violência, lazer-trabalho, saúde-drogas, direito social-mercadoria. Para além das experiências etnográficas - impreteríveis -, essa interpretação do circuito enquanto um ‘lugar paradoxal’ é também devedora da crítica apresentada por Zelizer (2005) a respeito da doutrina dos ‘mundos hostis’ que, segundo ela, está amparada na ideia de que a esfera econômica (lugar da racionalidade instrumental, da impessoalidade) estaria separada da sentimental (lugar da intimidade e da solidariedade). Nessa doutrina, quando esses dois mundos se contaminam gerariam problemas para ambos: na esfera econômica, levaria ao favoritismo e à ineficiência; na esfera sentimental, levaria à quebra da solidariedade e à instrumentalidade das relações. Para sustentar a sua crítica a essa dicotomia, a autora sustenta a existência do que chamou de ‘circuitos de comércio’, que funcionariam como universos particulares que facilitam a convivência entre o “íntimo” e o “impessoal”, mas que também se institucionalizam e podem gerar desigualdades e exclusões.

Outra referência que nos foi cara para compreender o circuito de lazer como um lugar paradoxal - em que pese a constituição de identidades, que faz conviver questões contraditórias - foi a obra de Archetti (1999). Estudando o Tango, o Pólo e o Futebol como arenas das identidades masculinas nacionais na Argentina, Archetti (1999) concebe estas arenas como ‘zonas livres’ em relação à alteridade. Segundo ele, as

<sup>5</sup> Além de identitários, os lugares antropológicos, no entendimento de Augé (1994, p. 52-53) compreendem outras duas características: são espaços relacionais (configurações e coexistências instantâneas de posições); e são históricos (que se define por uma estabilidade mínima, pelas quais as pessoas os reconhecem).

tendências de ordenação da sociedade estão fortemente relacionados às arenas públicas, como a escola, o serviço militar, o trabalho, as cerimônias e rituais públicos da nação. Diferente disso, as zonas livres, por sua vez, são caracterizadas pela liminaridade, consubstanciando propriedades anti-estruturais que podem desafiar o oficial e o puritano, como lugares de mistura, criatividade e hibridismos. Assim, aquilo que nas arenas públicas tradicionais poderia ser encarado como heresia, como ameaça às ideologias oficiais institucionalizadas, nas zonas livres pode não ser inadequado. No que se refere às práticas de lazer, uma das investigações que, em alguma medida, nos mostra isso é a de Frúgoli Júnior (1995), ao tratar das redes de sociabilidade<sup>6</sup> de jovens e seus usos dos *shoppings centers*, evidenciando que mesmo universos destinados ao consumo se desenvolvem invenções populares e locais, tornando-os espécies de praça interbairros.

Não se trata de afirmar que o circuito de lazer 'varzeano' é um lugar contraditório, mas de pensá-lo como espaço de intermediação (paradoxal), resultado de uma produção marcada pela circulação das pessoas e grupos pela cidade, ora orientados por questões e valores relativos a um sistema mundial (capitalista, globalizado), ora em disputas e dramas do cotidiano nos bairros; ora para regras e regulamentos do campo esportivo, ora para as tramas de sociabilidade mais próxima (família, colegas, vizinhos), etc. Essas noções de circulação e de circuito emergem como resposta aos desafios empíricos de compreensão das realidades culturais urbanas e de lazer, dado o crescente fluxo de informações, de pessoas, de ideias e de objetos, que, cada vez mais, dificultam as interpretações pautadas pelas investigações convencionais baseadas em situações-dimensões locais ou globais, de centro ou periferia. A questão, portanto, é entender que a circulação no lazer (pelos campos, praças, parques, bairros, vilas, times, grupos, competições, reuniões, festas) confere identidade tanto quanto a permanência, do que deriva a relevância de se estudar os circuitos.

### **Circuito de lazer: retratos de posições e identidades**

A experiência etnográfica de quase dois anos de convivência e circulação com/entre pessoas que permaneciam e circulavam em/entre vilas, campos, bares, ruas, festas, reuniões, excursões, foi bastante significativa para tratarmos do circuito de lazer 'varzeano'. Esse circuito tomado como um lugar de intermediação – não apenas intermediário – era marcado por afirmações, negociações e deslizamentos de identidades, o que se dava, invariavelmente, na relação com outras questões da vida cotidiana e imbricadas nas/pelas práticas do futebol (jogar, torcer, treinar, apitar, dirigir).

Por meio da apresentação daquilo que denominamos de 'retratos etnográficos' de 04 pessoas (dois homens e duas mulheres) no/do circuito estudado, procuramos evidenciar tais relações e imbricações. Na escolha dos retratos optamos por selecionar e

---

<sup>6</sup> A questão aqui, vale enfatizar, é tratar essas redes não apenas como conexões, mas como universos simbólicos que se instituem na forma de circuitos, capazes de conferir identidade àqueles que dele participam.

descrever ‘casos’ que denotavam posições simbólicas distantes, diametralmente opostas. Através deles procuramos mostrar como essas posições – no interior do círculo de lazer futebolístico – articulam, fazem conviver uma série de questões do cotidiano ao invés de refratá-los, com ressonâncias sobre a constituição das identidades. Passamos, então, para uma rápida apresentação dos casos, colocando em destaque algumas questões.

### *O Sarrafo: um exemplo de varzeano*

O Sarrafo era um goleiro veterano (38 anos em 2010). Não era descrito ou mencionado como um ‘diferenciado’<sup>7</sup>, mas era valorizado ‘na várzea’. Era conhecido somente pelo apelido. Ele mesmo dizia que se alguém na vila lhe chamasse pelo nome, ninguém iria saber de quem se tratava. Foi um dos mais acompanhados no decorrer da investigação. Numa das conversas, ele contou que, no final da sua adolescência, chegou a treinar numa categoria de base de um time de futebol do circuito profissional, mas que não aguentou a rotina de treinamentos junto com a jornada de trabalho. Reclamava também do custo das passagens e de ficar sempre fora do time, explicando-me que “só treinava e não jogava” (DC<sup>8</sup>, 29/05/2011). Decidiu parar e passou a jogar ‘na várzea’, por diversão. Morava na vila Ibema, próximo do campo, ponto obrigatório dos seus finais de semana e feriados.

Fazia parte de um grupo-time (o Bandeirantes, da vila Ibema), mas também jogava noutros, conforme as oportunidades na sua rede de conhecidos do futebol. Dada a escassez de goleiros veteranos ‘na várzea’, não lhe faltavam convites. No seu grupo-time, ele era da *diretoria*, responsável pela limpeza do fardamento que providenciava numa lavanderia na qual ele trabalhava. Antes dos jogos, ajudava a marcar o campo nos jogos ‘em casa’, trazia a sacola de ‘fardamentos’ e, não raramente, assumia a função de ‘pegar as assinaturas’ dos seus colegas na súmula da partida. Quando o Turco, ‘dono do time’ não podia, era o Sarrafo quem representava a equipe nas reuniões da liga. Mas ele não fazia isso somente apenas em favor do time. Para complementar sua renda, ‘trabalhava no apito’<sup>9</sup> nos jogos da liga da vila Paraná. Estava sempre atento à escala de arbitragem, preferindo os ‘jogos casados’ e ‘a pé’<sup>10</sup>, o que poderia lhe render até R\$ 160,00. Respeitado pelo seu amplo círculo de amigos na região, era um dos árbitros que constantemente se ‘contratava’ para os jogos considerados difíceis nas vilas, justamente porque esse círculo sustentava a ‘autoridade do apito’ tanto quanto o código de regras da modalidade.

<sup>7</sup> Jogador reconhecido por suas boas habilidades futebolísticas e que, por isso, tem possibilidades de circulação pelos campos, times e competições ampliada.

<sup>8</sup> Abreviação para Diário de Campo (DC), seguido da data em que foi realizada a observação/participação etnográfica.

<sup>9</sup> Era árbitro de partidas de futebol.

<sup>10</sup> Ir para um campo e apitar dois jogos sozinho, sem a necessidade de dividir com ‘os bandeiras’ (árbitros assistentes).

O Sarrafo era pai de duas meninas que raramente iam ao campo. Quando isso acontecia, estavam com a mãe. Em 2010, ainda casado, nos domingos ao meio dia, demonstrava sua preocupação de provedor em passar em casa, levar a carne e almoçar com as crianças e com a esposa, antes de voltar para os campos, normalmente para 'apitar' jogos da categoria livre. Em 2011, separou-se da mulher, para "fazer as coisas que deseja" como nos explicava num almoço noutra vila (não a sua), onde jogou pela manhã e apitaria uma partida à tarde. Contava-nos que, agora, tinha 3 namoradas e estava usando meio comprimido de Viagra "para não fazer feio" (DC, 29/05/2011). Dois meses antes desse relato, em outro campo, ele mostrava os remédios azuis, justificando que "tinha que comparecer todos os dias [risos]". Nas suas conversas com os conhecidos, o tema sexualidade rapidamente emergia na lógica do 'bom compromisso' com as mulheres.

Como jogador desse futebol de lazer, o Sarrafo levava a sério sua função e exigia o mesmo de seus colegas, mesmo nos amistosos. Não entrava em campo para perder e não era desleal. Seguiu o grupo-time independente das ameaças que escutava dos futuros adversários, como relatou numa oportunidade: "jogamos um amistoso aqui [no campo da sua vila, 'em casa'] contra o Itapejara e eles 'nos prometeram'<sup>11</sup>, vocês vão ver quando forem lá". Dias depois, em cumprimento à tabela do campeonato, o próximo jogo do time do Sarrafo seria justamente contra o Itapejara, 'na casa deles'. Apesar do receio, o goleiro não tinha dúvidas: "nós vamos lá, eu posso até levar uns [tapas, socos, pontapés], mas vou me defender" (DC, 14/08/2010). Porém, antes disso, ele abandonou seu grupo-time, como forma de protesto direcionado ao 'dono do time' que trouxe 'reforços diferenciados' para a equipe e deixou alguns membros 'do grupo' fora das partidas, valorizando, portanto, mais os resultados do que as amizades.

Mas a seriedade e o protesto não faziam do Sarrafo uma pessoa rude. Quando levava um gol num lance avaliado como uma 'falha', era mais fácil notar gozações do que reclamações diante do ocorrido. Fora do jogo, nas conversas com cerveja, o Sarrafo era um dos mais jocosos. Estava constantemente mergulhado em brincadeiras, zombarias, provocações e desafios com seus colegas e isso lhe era possível porque permitia que os outros o tratassem da mesma maneira. Seu principal parceiro de jocosidades era, sem dúvida, o Chimia, 'dono da copa' do campo de sua vila (Ibema) e dono do Araruna, equipe na qual chegou a jogar amistosos, no período da pesquisa. As zombarias entre os dois eram frequentes, muitas vezes, independente se um deles ou ambos estavam jogando alguma partida. Quem observava o comportamento do Sarrafo, seja no campo da sua vila como circulando pelos outros, não teria dúvida em perceber o quanto aqueles espaços lhe eram prazerosos.

---

<sup>11</sup> Anúncios explícitos de que no próximo encontro poderiam ocorrer agressões físicas, grande parte deles resultado de performances intimidatórias.



### *O Pocotó: o alvo predileto da “pedagogia das gozações”*

O Pocotó, com 43 anos (em 2010), ocupava um lugar bastante diferente do Sarrafo nos campos. Não jogava, era solteiro e não tinha namorada; vivia de *bicos*, morava com a mãe, não tinha filhos; era alcoólatra assumido e nem sempre tinha dinheiro para dividir uma cerveja na *copa*. Num jantar-baile da liga, ele contou que “tirei o segundo grau, fiz dois anos de [graduação em] história, mas sou bebum” (DC, 11/12/2010). Já trabalhou em restaurantes da cidade, como garçom, mas abandonou por causa do vício. Há cerca de 20 anos, foi um dos primeiros moradores (ocupantes) da vila Paraná. “Peguei dois lotes” disse ele, onde construíram a casa em que reside com sua mãe (DC, 02/02/2011).

O Russo, dono de um time da vila Paraná e outros vizinhos, quando contratados para alguma obra e necessitavam de mais pessoas, constantemente chamavam o Pocotó para o serviço, mas pareciam fazê-lo mais pela ‘parceria’ do que pela disposição para o trabalho. Sempre estavam reclamando da falta de vontade ou das ausências para um ‘trago’. Em duas festas de aniversário observadas, em diferentes vilas, o Pocotó fora ‘contratado’ para trabalhar de garçom. Na metade do evento já estava visivelmente embriagado. Nos dias seguintes, nas vilas, era possível escutar os comentários de como o garçom acabara caído na rua, bêbado, sem conseguir chegar em casa. Na primeira vez em que o Pocotó foi observado na beira de um campo, ele foi referido, pelo presidente da liga, como o ‘treinador’<sup>12</sup> de um time da sua vila, mas em relação a ele pesavam alguns cuidados, porque “chega bom para o jogo e sai bêbado, toma o álcool da massagem, não dá para deixar perto” (DC, 03/05/2009).

Noutros jogos, quando ele tinha dinheiro ou crédito, assim que o jogo começava, abandonava sua função de treinador e ia até a ‘copa’ comprar um ‘litrão’<sup>13</sup> que, às vezes, era levado para a beira do campo, onde permanecia meio escondido. Entre uma instrução e outra, um gole. Seu lugar dos times da vila não estava estritamente relacionado ao seu conhecimento sobre futebol, mas a laços de amizade, de vizinhança e de coleguismos. Os conhecidos do futebol reconheciam a importância daquele momento para o Pocotó. Como ‘treinador’, apesar de indicar quem ‘sairia jogando’ ou quem seria substituído, na maioria das vezes essas decisões eram imposições, solicitações ou sugestões de outras pessoas, jogadores, dono da ‘copa’ ou até mesmo um colega que assistia o embate e fazia um comentário sobre quem trocar ou colocar no time. Na medida em que o campeonato seguia para as fases decisivas e a urgência dos resultados esportivos crescia, o Pocotó perdia seu lugar; outros treinadores assumiam e

---

<sup>12</sup> Termo utilizado para designar aquelas pessoas que tinham a função de indicar os 11 jogadores que ‘sairiam jogando’ (os titulares), assim como suas posições dentro de campo (goleiro, zagueiro, lateral, meio-campo, atacante). Durante a partida lhes cabiam definir os que seriam substituídos e os seus substitutos.

<sup>13</sup> Garrafa de cerveja de 1 litro.

ele se tornava ' massagista'<sup>14</sup>, mas não deixava de acompanhar os 'seus times' e nem de criticar, reclamar, instruir e motivar. Apenas não tinha a autoridade de escalar e substituir.

Ele, em anos anteriores, já tinha montado o seu time, colocando o nome da sua cidade natal no interior do Estado. Sobre esta equipe, o filho mais velho do Russo (14 anos), para provocar e zombar, lembrou que "durou três dias... inscreveu e dois dias depois não tinha mais time. Ninguém quer ir nessa 'barca furada'" (DC, 12/03/2011). O Pocotó, enquanto 'dono', não contava com um grupo sólido que sustentasse a equipe. Além disso, se sabia, antecipadamente, que ele não tinha condições de colocar dinheiro no time e havia desconfianças sobre o destino das arrecadações. Entretanto, embora se pudesse verificar que os campos eram lugares de fácil acesso a bebidas alcoólicas, isto somente não explicava a vontade e o esforço do Pocotó em fazer parte do universo do futebol, de ocupar um lugar nele.

O seu gosto pelo futebol, sobretudo pelos momentos vividos nos campos, nos finais de semana e feriados, era bastante evidente. Nas conversas, várias vezes mencionou a informação de que tinha treinado nas categorias de base de um time do interior do Estado, assim como falava habilmente do futebol jogado no circuito profissional, lembrando das décadas de 1970 e 1980. Na beira do campo, não escondia sua satisfação, dizendo "eu gosto é disso, 'a várzea' é isso", olhando para os jogadores em campo e para o movimento de pessoas no entorno (DC, 11/04/2010). Além disso, esse universo era apontado por ele como a única alternativa às relações familiares e de trabalho, que me eram justificadas com frases como "eu não vou ficar em casa assistindo TV, venho pra cá [campo]" (DC, 11/04/2010) e "não tem outra opção, nós que gostamos de futebol tempos que vir e olhar isso [olhando para o campo]" (DC, 27/11/2010).

Nos campos e em outros espaços do futebol nas vilas, justamente em face da maneira como os seus colegas percebiam sua relação com o trabalho (acusado de pouca disposição, fazendo 'bicos' para sustentar o vício) e com a família (morava com a mãe, não tinha namorada e filhos), ele era o alvo preferido de brincadeiras que tratavam de desafiá-lo, do tipo "eu não coloco esse aí no meu carro" (DC, 02/02/2011), "não aceito quem não trabalha, quem não leva nada para casa" (DC, 02/02/2011) e "pelo menos eu tenho mulher" (DC, 12/03/2011). Não era o conhecimento de futebol que colocava o Pocotó numa condição bastante vulnerável em relação aos outros nos espaços-tempos de brincadeiras 'da várzea'. Se, num primeiro momento, nossa interpretação era a de que as pessoas queriam afastá-lo, depois das convivências nas vilas, nos ficou claro que as brincadeiras e jocosidades ganhavam mais sentido num movimento de fazê-lo adequar-se (largar a bebida, trabalhar direito, arrumar uma namorada, levar dinheiro para casa). Refletiam, portanto, procedimentos pedagógicos (e divertidos), preocupações dos amigos e vizinhos. E ele parecia saber disso, daí a seguinte frase de um dos vizinhos-amigos: "Quanto mais bate, mais ele gruda, parece mulher de brigadiano" (DC, 03/06/2010).

---

<sup>14</sup> Na maioria das vezes aquele que tinha a responsabilidade de 'cuidar da água' que estaria disponível aos jogadores durante os confrontos, mas que contava com a regalia de permanecer próximo do campo, do treinador e dos reservas.

O Pocotó não somente aceitava as brincadeiras, ainda que violentas simbolicamente e irreconhecidas enquanto tal, como participava delas, (re)produzindo as gozações sobre ele ou direcionando-as àqueles que a fizeram, conformando um jogo de jocosidades bastante divertido, mas carregado de desproporcionalidades, o que não significava algo ruim. Numa dessas ocasiões, num almoço ocorrido depois de dois jogos amistosos na vila Cambé, sendo alvo e participando das brincadeiras, ele concluiu: “Isso aqui que é diversão, não é aqueles ‘burgueses’ que entram no restaurante e ficam aqui [gestos dos garfos e facas]. Nem conversam [risos]” (DC, 12/03/2011).

*A Silvia: um exemplo de esposa de um varzeano*

A Silvia era a mulher do Russo, mãe de dois filhos (Bruno de 11 anos e Breno de 14 anos<sup>15</sup>). Em 2010, quando o marido ainda era sócio da ‘copa’ de um dos campos, ela ajudava nas vendas, principalmente nas tardes dos domingos e dos feriados, quando a demanda era maior. Nesses dias, durante as manhãs, ela cuidava da casa. Normalmente chegava para o trabalho com a sua amiga Jéssica, vizinha com a qual ficava conversando enquanto comercializava cervejas e refrigerantes. Em 2011 ela continuava a acompanhar o Russo (jogador, treinador, dirigente), também com sua amiga/vizinha. Questionada<sup>16</sup> sobre suas idas aos campos, respondeu que, com suas amigas, iam junto para fazer torcida, para fugir na monotonia de ficar em casa somente assistindo televisão. “A gente sai, espairose um pouco, vê outras pessoas, conhece e faz novas amizades”, asseverou a Silvia, denotando justamente a autonomia em relação às práticas do marido (“o futebol é coisa dele”), apesar de acompanhá-lo e até mesmo ajudá-lo na ‘copa’. Inquirida sobre seu gosto pelo futebol e se o envolvimento do Russo em quase todos os finais de semana e feriados representava um problema, sua resposta foi a seguinte:

Logo no início eu reclamava muito, eu cobrava muito dele, que ele ligava mais para o futebol do que para mim, não me dava atenção né. Hoje não, hoje eu gosto e quando eu posso eu acompanho ele, as crianças também [...]. Então é uma coisa, o futebol muda bastante a nossa vida. Eu era bastante caseira, não saía para lugar nenhum, agora não, agora eu saio, gosto mesmo de futebol, aprendi a gostar do futebol através dele. Para mim o futebol aos domingos é ótimo. (SILVIA, 2011)

A Silvia, quando não estava atendendo na ‘copa’, procurava um bom lugar para acompanhar o jogo (à sombra em dias de calor, ao sol em dias frios), tomava chimarrão, quentão e, é claro, conversava com quem estava próximo. Não raramente, os confrontos em campo lhe pareciam secundários. Entre as conversas, demonstrava estar atenta aos

<sup>15</sup> Idades consideradas em 2010.

<sup>16</sup> A Silvia foi uma das pessoas que concedeu entrevista para o desenvolvimento da pesquisa. Esta entrevista foi realizada em 15 de dezembro de 2011.

filhos, principalmente ao mais novo, que circulava habilmente entre os homens, dentro e fora do campo. O mais velho nem sempre estava junto, preferia ficar em casa. Diferente do filho menor, a circulação da Sílvia era bastante restrita e não em função do jogo do futebol, mas do marido, das amigas e vizinhas. No entorno dos campos, o seu comportamento era bastante comedido. Poucas vezes ela foi observada 'na tela'<sup>17</sup> com os homens. Não se envolvia nos xingamentos, ameaças, 'palavrões', insultos às pessoas que estavam em campo. Não arriscava orientações táticas, técnicas ou avaliações das decisões dos árbitros. Ocupava um lugar, que na ótica dos homens, era o mais adequado, em contraponto àquelas (outras mulheres) que ficavam gritando 'na tela'. Ao ser entrevistada e questionada sobre este tipo de comportamento das mulheres, Sílvia foi taxativa:

Eu acho ridículo! Eu acho ridículo para mulher esses tipos de 'palavrões' que elas falam em campo, elas não respeitam nem o marido que está jogando, nem os colegas, os outros companheiros que estão ali jogando, como também os filhos, tu vê, elas sempre estão com crianças. Então, qual é a moral que ela tem para depois repreender os filhos dela se o filho dela que está em campo chama um colega, um amigo do pai dele de "corno", "filho da puta", que elas falam lá em campo, entendeu? Então eu acho assim, uma falta de respeito. Porque não é só ela que está lá, tem outras mulheres, tem crianças, entendeu? E o futebol não é isso, futebol é tu ir para campo se divertir, torcer e não agredir com palavras o companheiro, o juiz que está também trabalhando [...]. Então eu acho isso horrível! (SÍLVIA, 2011)

O que essa resposta destaca é que o comportamento delas tem implicações não apenas sobre a sua representação (de mãe e de esposa), mas (ou fundamentalmente) sobre a identidade do marido que está *ali dentro*. Não era, portanto, despropositado o comportamento um tanto autônomo em relação aos acontecimentos do jogo de futebol, operado pela Sílvia. Como a grande maioria das mulheres, quando seguiam para os campos o faziam com suas conhecidas, formando divertidos grupos de conversas, como denunciavam os risos frequentes. Enquanto assistiam ao confronto que ocorria em campo, olhavam os seus filhos brincando e cuidavam das roupas e calçados deixados pelos homens-jogadores.

*A "mulher do Andirá": vai para o campo "com o time", "pelo futebol"*

O lugar simbólico semelhante ao de Sílvia não era o único nos campos. Num outro extremo, poderíamos dizer, estava a esposa do Jonas, um jogador veterano do Andirá, time da vila Cambé. Constantemente essa mulher era observada acompanhando

<sup>17</sup> Comportamento que flutua entre concentração e exaltação, próximo aos alambrados ou mesmo na beira do campo, acompanhando intensamente aquilo que acontece dentro das 'quatro linhas', completamente absorvido pelo fluxo de acontecimentos da partida.

o time da vila e, por isso, era referida como ‘a mulher do [time] Andirá’<sup>18</sup>, mais do que como ‘esposa do Jonas’. Reconhecê-la e tratá-la dessa maneira era comum, o que reforçava a ideia de que ela, diferente da Sílvia, não apenas acompanhava o marido, mas também (e principalmente) o futebol. Ela não apenas torcia, era tratada como alguém que fazia parte do time, dado o seu comprometimento. Seu comportamento se destacava, justamente porque era muito semelhante ao dos homens. Por ocasião da pesquisa, na primeira vez em que fora avistada na beira de um campo, ficaram registrados os seguintes termos:

Fora do campo, posicionado atrás de uma das linhas de fundo, está uma mulher acompanhada de duas crianças (meninos). Eles estão com o time do Andirá e cuidam das roupas e calçados dos jogadores que estão em campo. Observei uma característica diferente na postura desta mulher em relação ao jogo [e às outras mulheres]. Ela está bastante envolvida com a partida, “não perde um lance”, atuando também na orientação dos jogadores e na motivação destes. Poderia, no cenário ‘da várzea’, tranquilamente ser tomada como “treinadora”. Suas instruções, manifestadas aos gritos, são do tipo: “marca ali”, “olha as costas”, entre outras frases prontas muito conhecidas e recorrentes. (DC, 30/05/2010)

Noutro confronto e campo em que “a mulher do Andirá” foi observada com bastante especificidade (DC, 26/09/2010), ela estava absorvida pelos acontecimentos da partida. Além dos comportamentos, seus conhecimentos do jogo eram semelhantes aos dos homens. Nas suas instruções, cobranças e reclamações estavam frases como: “já que o juiz não dá, apresenta as travas da tua chuteira”; “jogar mal e perder, tudo bem, mas jogar bem e perder, eu não aceito”. Não era somente isso. Em torno do meio-dia desse domingo, ‘na tela’, ela explicava com precisão a regra de impedimento para algumas crianças, a fim de ganhar apoio na sua reclamação do suposto erro do árbitro. Entre uma manifestação e outra, uma ofensiva à masculinidade do árbitro, baseada no comprimento do cabelo: “e essa menina aí, de cabelo comprido?” Ela deslizava entre o que seria o lugar masculino e o feminino. Ao mesmo tempo em que se comportava de um modo mais comum aos homens, não deixava de cuidar dos filhos e de conversar com outra mulher que estava ao seu lado, dizendo que “não iria comprar mais bola para seus filhos que reclamavam, pois era a terceira neste ano”.

Entre as vezes que a ‘mulher do Andirá’ esteve com o time, duas foram na vila onde ela reside com o marido e seus dois filhos. Mesmo em partidas no período da manhã dos domingos, lá estava ela acompanhando o time, na companhia dos filhos, entre os demais jogadores que ‘se fardavam’ na beira do campo. Nessas duas situações ela pegou a bola do jogo e ensaiava sem muito sucesso algumas ‘embaixadinhas’, dizendo “faz tempo que não faço isso” (DC, 01/05/2011) ou “nem quando eu jogava

---

<sup>18</sup> Preferimos utilizar essa denominação ao invés de trazer um nome.

conseguia fazer isso” (DC, 29/05/2011). Essas explicações revelavam que ela tinha alguma experiência futebolística.

Nos jogos ‘em casa’ do Andirá, ela se posicionava na beira do campo e reagia no fluxo dos acontecimentos que ocorriam dentro do espaço de jogo. Numa dessas ocasiões, o Russo (jogador, treinador, dirigente do time da vila Paraná), ao vê-la reclamando e xingando, lembrou e contou que “ela junto com outras 10 bateram a pauladas no time do Dartel, num jogo aqui, há alguns anos” (DC, 29/05/2011). Falou isso em tom depreciativo e, ao mesmo tempo, divertido. Os comentários dos homens tratavam de dizer sobre o lugar inadequado que a “mulher do Andirá” ocupava, como ficou claro na manifestação do torcedor de um time adversário que, ao vê-la gritando, disse “se não fosse mulher, ia dar um soco nela!”; essa fala foi complementado pela de uma colega que, por sua vez, afirmou “não dá pra reclamar, tem que ouvir e ficar quieto” (DC, 05/06/2011).

Inicialmente nossa interpretação era a de que não seria possível reclamar pelo simples fato de ‘ser mulher’. Contudo, logo notamos que não se tratava apenas disso. Para insultá-la era preciso saber que ela apresentaria imediatamente alguns contrapontos. Sem pestanejar respondia no mesmo nível e com a mesma conotação. A criatividade com que contra-atacava era notável. O Russo, observando, de perto, um dos embates da “mulher do Andirá” com um torcedor-homem, não demorou muito para dizer que “é, com essa aí, não dá para discutir” (DC, 19/06/2011). Por um lado, não era somente porque se tratava de uma mulher que “tinha que ouvir e ficar quieto”, mas também porque seria difícil discutir no mesmo nível. Por outro, o fato dela ‘ser mulher’ não podia ser desconsiderado, porque o homem que ‘perdesse’ para ela rapidamente seria alvo de gozações.

Esta não era a única mulher notada na beira dos campos e ‘nas telas’, absorvida pelo jogo e participando nas discussões de maneira bastante semelhante aos homens. Outras acompanhavam os ‘seus times’ e, tal como a ‘mulher do Andirá’, com os seus gritos cooptavam algumas colegas que encorpavam grupos bastante barulhentos e que chegavam a incomodar os homens. Enquanto aquelas (absorvidas pelo jogo) demonstravam a seriedade das suas manifestações (para motivar, incentivar, intimidar, ameaçar ou reclamar), estas (as colegas) tratavam de rir de seus comportamentos depois que os produziam. Como eu já tinha notado, rir das próprias manifestações era importante para continuarem a se definir enquanto mulheres naquele espaço masculino.

### **Circuitos de identidades: intermediários e de intermediação**

A descrição dos 04 retratos etnográficos contempla uma série de aspectos que nos possibilitou compreender o lazer como um lugar de práticas que marcam subjetividades, tanto quanto as práticas de produção e de consumo. Tal como observamos e analisamos, mesmo o ‘lazer do trabalhador’ não é apenas um tempo em

oposição ao tempo de trabalho, como um conjunto de atividades acessórias a este ou ao universo do consumo na lógica de uma indústria cultural.

Como assinalou Magnani (1984), o lazer é um fenômeno que diz muito sobre a vida dos trabalhadores e o circuito de futebol estudado é uma de suas manifestações. Tratá-lo como um conjunto de ocupações de caráter liberatório, desinteressado, compensatório, com vistas a um ideal positivo de desenvolvimento, como sugere o trabalho de Dumazedier (1976), é desconsiderar um universo de significados dotado de lógicas culturais muito diversificadas e dinâmicas.

Como tentamos demonstrar, aqueles que faziam parte do circuito de lazer 'varzeano' e que, portanto, permaneciam nos espaços onde ele era objetivado (campos, parques, praças, bares, salões de festas), que circulam por eles (seja para 'jogar', para 'torcer', para 'conversar', para 'beber', para 'treinar' ou para 'apitar'), ocupavam posições que serviam para identificá-los. Nesse sentido, o circuito não se esgotava numa rede de sociabilidade, sendo compreendido como uma construção concreta e simbólica dotada de princípios de sentido reconhecidos por aqueles conviviam nos seus espaços e que, ao fazê-lo, produziam/reproduziam as representações de si na relação com os outros. A partir dos retratos do Sarrafo, do Pocotó, da Silvia e da 'mulher do Andirá', procuramos mostrar um pouco dessas dinâmicas, evidenciando que as atividades que acontecem no lazer – verossimilhanças – compreendem processos de socialização que incidem sobre 'quem são' as pessoas.

Na expectativa de dizer algo mais sobre tais processos, uma das conclusões mais significativas sobre o circuito de lazer foi o seu caráter liminar e, não raramente, paradoxal, desfazendo fronteiras e fazendo conviver questões antagônicas. O 'circuito de futebol' aqui analisado, assim como o 'pedaço' estudado por Magnani (1984), se tomados como lugares antropológicos, poderiam ser descritos como 'intermediários' entre o privado e o público. Porém, além disso, nos foi importante compreender que o circuito (e o lazer) configurava um 'lugar de intermediação' e de 'disputas', bastante marcadas por questões de gênero (o que é ser homem/mulher, ser pai/mãe) e de solidariedade (ser do grupo, parceiro, ter um círculo). Destacamos algumas sínteses das descrições que mostram essas intermediações e disputas: aquela que vai para 'ver os homens jogarem futebol' e, ao mesmo tempo, vai para 'ver o futebol'; aquela que vai para ver o marido e não vai para 'a tela', por que é ridículo ficar absorvida pelo jogo; aquele que vai para 'uma prática alternativa de lazer' e para 'beber'; aquele que vai para 'jogar' e, ao fazê-lo, consolida seu trabalho 'no apito'; aquele que exige 'seriedade' e 'rendimento' do time e não abre mão das 'amizades', das 'gozações'; aquela que vai para se divertir, mas o faz ao mesmo tempo em que ajuda o marido no 'trabalho da copa'; aquele que 'apita' os jogos importantes não apenas por saber das regras, mas por ter um amplo círculo de amizades; aquele que é alvo de divertidas-violentas jocosidades que dizem sobre como deve ser um homem da vila; aquele que encontra nos 'conhecidos do futebol' uma rede de parceiros para 'o trabalho'.

Tais sínteses denotam misturas, aproximações, tensões que nos levam a pensar o lazer como uma esfera da vida que carrega um tom de 'questionamento social' como afirmou Marcellino (1987) ao aproximá-lo com o campo da educação, com a diferença de que não estamos tratando de uma finalidade e de um contraponto ao universo do trabalho ou à indústria cultural, mas de uma forma de existir objetiva e subjetivamente (uma zona livre, híbrida). Nessa lógica do lazer como lugar de intermediação, embora possamos pensá-lo como uma esfera singular (instituída na forma de um circuito), não nos restou dúvidas que as posições, as permanências e as circulações das pessoas nos/pelos espaços se relacionavam com outras questões da vida dessas pessoas (gênero, trabalho, amizades, parcerias, saúde). Isso reforça o entendimento de que o lazer não pode ser tomado como uma dimensão da vida 'entre parênteses'<sup>19</sup>.

Assim, sem correr muitos riscos, somos levados a afirmar que as práticas de lazer nos campos de futebol gozavam de sentido mais se aproximando dessas 'outras questões' do que se distanciando ou se separando delas. E esse entendimento ficou claro de uma maneira relativamente 'simples': conhecendo um pouco mais as pessoas... de perto...

## REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities: football, polo and the tango in Argentina**. Oslo: Berg, 1999.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRÚGOLI JÚNIOR, H. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero; SESC, 1995.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

<sup>19</sup> Esta reflexão está desenvolvida noutro trabalho, que procura estabelecer as relações entre lazer, cultura e educação (STIGGER, 2009).



\_\_\_\_\_. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov., 2005.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. de. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 3. ed. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2008.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MYSKIW, M. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 fls. Tese (doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez., 2009.

STIGGER, M.P. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan., 2009.

ZELIZER, V. A. Circuits within capitalism. In: NEE, V.; SWEDBERG, R. **The Economic Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University, 2005.

### Endereço para correspondência

Rua Pernambuco, 1777. Centro, UNIOESTE.  
Marechal Cândido Rondon, Paraná. CEP: 85960-000.

E-mail: [mmyskiw@hotmail.com](mailto:mmyskiw@hotmail.com)

E-mail: [stigger.mp@gmail.com](mailto:stigger.mp@gmail.com)

Recebido em:

13/02/2014

Aprovado em:

12/03/2014